

MAPA DA VIOLÊNCIA

O Centro da vulnerabilidade

Dados da PM mapeiam concentração da criminalidade na capital e mostram área central com nível de ocorrências muito superior ao de outros bairros. Drogas e celulares turbinam violência

MATEUS PARRERAS



FOTOS: ARQUIVO FOTOGRAFIA DA PRENSA

Vista da região da rodoviária, onde fica também o 1º Região Integrado de Segurança Pública e se multiplicam pontos de venda de produtos sem procedência

Câmeras, vigilantes de lojas e mesmo a presença de policiais militares em praticamente todos os quarteirões não são capazes de conter a criminalidade no Centro de Belo Horizonte, o bairro com mais registros de ocorrências de crimes violentos da cidade. Levantamento exclusivo da reportagem do Estado de Minas sobre a distribuição geográfica das ocorrências violentas na capital, com base em números fornecidos por fonte da Polícia Militar de Minas Gerais, mostra que a área central apresentou 474 ocorrências entre janeiro e julho de 2022 — um nível muitas vezes maior que nos demais da lista dos 10 mais violentos: Santa Efigênia (70), Carlos Prates (75), Floresta (71), São Luiz (69), Céu Azul (66), Savassi (65), Mantiqueira (62), Serra (60) e Lagoinha (59). (Confira a lista completa no em.com.br).

Os crimes violentos na capital mineira, no entanto, não têm aumentado, encontrando-se em estabilidade, com queda discreta. Segundo dados da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp), de janeiro a setembro, o total caiu 0,78%, de 7.295, em 2021, para 7.238, em 2022. Está, também, muito distante de épocas de escalada de violência, como nos anos 2000, quando foi necessária uma junção da PMMG, Prefeitura de Belo Horizonte e Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL-BH) para implementar políticas como a instalação sistemática de câmeras de vigilância e a remoção para shoppings populares de camelôs que tomavam conta de calçadas.

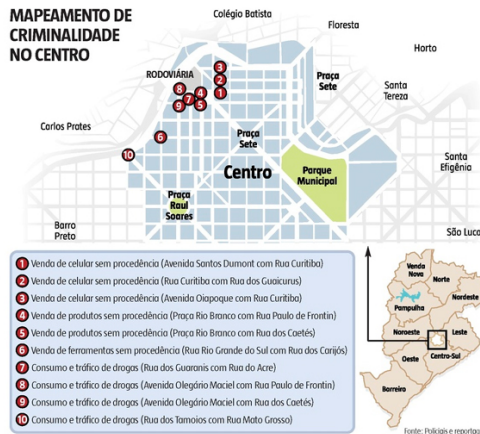
São considerados crimes violentos pela Sejusp o estupro, a extorsão, a extorsão mediante sequestro (incluindo sequestro-relâmpago), homicídio e tentativas, roubos e tentativas, sequestro e cárcere privado e tentativas.

O grande volume de usuários de drogas, traficantes, receptadores e pontos de venda de produtos

sem procedência — muitos roubados ou furtados — no Centro é destacado como fator que contribui para a criminalidade por várias pessoas ouvidas, entre comerciantes, consumidores, trabalhadores e estudantes. O usuário foca cara de pau demais. Não tem mais ser preso. Sabe que não fica na cadeia ou que sai rápido. Então, para comprar as drogas, tenta furtar ou roubar (com ameaça ou violência) e já tem quem compra e revende. Já não liga para câmeras, nem para a polícia. Depois que roubam, correm para o lado da Avenida Olegário Maciel, para a rodoviária, lugares que nós temos evitado ir”, afirma a gerente de loja de bijuterias Larissa Julia Alves de Macedo.

Com orientação de policiais, a reportagem do Estado de Minas passou oito horas circulando por áreas em que ocorrem atividades ligadas ao crime no Centro de BH. Mixada para traficantes, usuários, ladrões e outras quadrilhas, os celulares sem proveniência são vendidos em diversos pontos do Hipercentro (entre a Praça 7 e a rodoviária), a Rua Curitiba e trechos de suas esquinas com a Avenida Santos Dumont, Rua dos Guaiçurus e Avenida Oiapoque concentram es-

MAPEAMENTO DE CRIMINALIDADE NO CENTRO



se comércio, fomentando os furtos e roubos de aparelhos.

O mercado clandestino dos celulares opera com dois tipos de pessoas. Os mais numerosos são os captadores, pessoas que ficam encostadas nas paredes de pontos de comércio sob marquises ou perambulando nas esquinas chamando interessados: “Celular, celular, Vendo celular”. Ao se mostrar interessada, a pessoa pergunta quais modelos disponíveis e o preço — uma fração de um novo ou até mesmo dos usados vendidos com procedência e garantias. Nesse momento, ocorre o encaminhamento até o vendedor, que é quem tem o aparelho, mas que não fica com ele. O telefone só é visto momentos antes da compra, quando o vendedor o busca em local discreto.

TECNOLOGIA DE PONTA A reportagem procurou aparelhos 5G, tecnologia que opera desde o fim de julho o que provavelmente levaria a uma oferta de usados pequena. O “hégico” foi tratado com intermediação dos captadores com três vendedores, sendo que dois tinham aparelhos 5G. Os preços para smartphones em muito bom estado e funcionando foram atrativos, quase 70% mais em conta que os das lojas. Um Samsung A73, que custa de R\$ 2.300 a R\$ 2.500 novo, ou na casa de R\$ 1.900 usado, é vendido a R\$ 800 na rua. Um Motorola Edge 30 de 256 gigabytes custa entre R\$ 2.400 e R\$ 2.600 novo, enquanto o usado gira em torno de R\$ 2 mil, mas foi negociado, com pedrinha, por R\$ 850.



Larissa Macedo, que gerencia uma loja de bijuterias, diz que usuários de drogas já não temem ser presos e cometem furtos para sustentar vício

Mercado clandestino diante das polícias



Arilda Aparecida Sousa, dona de salão de beleza, diz que tem todo um ritual de cuidados ao ir ao Centro: sempre alerta

A recepção e venda de celulares não é a única atividade a incentivar o crime no Centro da capital. Também no Hipercentro, a reportagem encontrou dois pontos de venda de produtos diversificados, de acessórios de vestuário usados até interruptores de parede e árvores de Natal sem embalagens, notas fiscais ou qualquer indicação de procedência, sendo vendidos a preços muito baixos, tanto em feirões em locais como a Avenida Paraná quanto aberta e escandalosamente na Praça Rio Branco, em frente à 1ª Região Integrada de Segurança Pública (Risip) ou mesmo encostados no muro do edifício que abriga a Polícia Militar e a Polícia Civil.

Não fosse isso ultrajante o suf-

iciente, a reportagem também viu pedras de crack sendo vendidas e entregues no entorno desse quarteirão, que é considerado área de segurança, e sob os viadutos próximos. Já na Rua Rio Grande do Sul com a Rua dos Cariós, próximo ao Mercado Novo, o comércio sem procedência é mais especializado e oferta ferramentas elétricas, como serras, furadeiras e outras, a preços muito abaixo dos negociados no mercado formal.

Tantos pontos de recepção e venda incentivam roubos e contribuem para a insegurança. De costas para a rua, os atendidos a cada corredor de mercados, o fiscal de loja Vinícius Augusto de Miranda de Souza, de 21 anos, já trabalhou em dois estabelecimentos e passou por rou-

bos a mão armada e dezenas de furtos. “O pior foi quando dois homens armados nos renderam e nos levaram para o fundo da loja para roubar. E pessoas tentando levar produtos ocorre muito. A gente já vê quem são, pelo jeito, por atitudes suspeitas, alguns ficam nervosos”, revela.

Com a bolsa sempre à frente e colada ao corpo, a dona de salão de beleza Arilda Aparecida Sousa, de 54, toma uma série de medidas de segurança quando vai às compras no Centro. “Fico sempre de olho em pessoas suspeitas e evito me aproximar delas. Não atendo ao telefone celular. Não pego a carteira e evito fazer compras de Natal e fim de ano muito perto das datas, porque fica muito cheio”, afirma.

MAPA DA VIOLÊNCIA

Região Centro-Sul de BH, que reúne bairros como Savassi, Serra, Funcionários e Lourdes, tem intensa movimentação de compradores, que coincide com índices mais altos de criminalidade

João Pimenta, dono de bar há 37 anos na Savassi, acredita que muitos crimes ocorrem na madrugada, quando pessoas estão mais vulneráveis



O fiscal de loja Vinícius Augusto de Miranda de Souza, de 21 anos, é testemunha do interesse que o movimento comercial exerce sobre ladrões



Comércio e consumidores criam polos de atração

MATEUS PARREIRAS

Inflada pelos números do Centro, mas também concentrando mais locais com altos registros de ocorrências de crimes violentos, a Região Centro-Sul de Belo Horizonte se destaca no mapeamento da reportagem do Estado de Minas sobre os bairros de maior criminalidade. Segundo dados da Polícia Militar, se selecionados os bairros com mais de 50 registros de crimes violentos, 17 no total, a participação da Regional Centro-Sul também se mostra a maior, com cinco deles entre os mais críticos: juntam-se ao Centro, a Savassi (65 ocorrências), a Serra (60), o Funcionários (55) e o Lourdes, com 50.

O presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL-BH), Marcelo de Souza e Silva, considera que o grande volume de pontos de comércio e consumidores é um dos motivos de a Região Centro-Sul ter mais registros absolutos de ocorrências policiais. "A CDL/BH está em permanente parceria com as forças policiais para garantir mais segurança ao comércio e aos consumidores. A Operação BH Mais Segura, por exemplo, sempre é intensificada nas vésperas de datas comemorativas. Constantemente fazemos reuniões para discutir a melhoria da segurança pública nos centros comerciais da cidade", afirma. Segundo ele, como resultado, os índices de criminalidade violenta vêm baixando. "Uma de nossas reivindicações para a próxima gestão do governador Romeu Zema é que o diálogo continue aberto e que juntos possamos sempre buscar soluções de melhorias na segurança pública", afirma.

PROTEÇÃO Na Savassi, por exemplo, algumas medidas têm se destacado e trazido mais segurança, como a Rede de Comerciantes Protegidos. "Essas redes com interação via aplicativos ajudam demais. Sempre que há um roubo, furto ou outra ocorrência, a gente descreve os suspeitos. Outro comerciante os vê passando e avisa à polícia, que consegue prender mais fácil esses criminosos", aponta João Pimenta, dono de bar por 37 anos no bairro.



Policiais militares atendem a ocorrência na Avenida do Contorno, na Savassi: atratividade para criminosos pelo movimento comercial e vida noturna

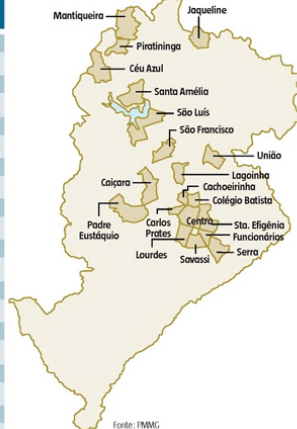
João Pimenta considera que os crimes vêm diminuindo, mas que é preciso saber onde ainda ocorrem. "Acredito que a maioria desses crimes ocorrem na madrugada, com o pessoal da boemia, que estica muito em vários estabelecimentos. Alguns deles são até 24 horas. Essas pessoas às vezes têm de pegar o carro em lugar mais isolado, saem andando depois de beber, no escuro, e acabam virando uma oportunidade para os criminosos. Há um mês, tentaram arrombar a porta do bar com um pé de cabra, no meio da madrugada. Não conseguiram, mas danificaram a porta: R\$ 400 de prejuízo", conta Pimenta.

Essa sensação de que os alvos são mais ligados à boemia na Savassi é compartilhada pelo coronel Carlos Júnior, especialista em inteligência de estado e segurança pública. "Tanto na Savassi quanto no Baixo Lourdes, temos muitos crimes relacionados ao

CRIMES NOS BAIRROS DE BH

Ocorrências de crimes violentos de janeiro a julho de 2022 (Veja mais no em.com.br)

Posição	Crimes violentos	Bairro	Regional
1	474	Centro	Centro-Sul
2	76	Santa Efigênia	Leste
3	75	Carlos Prates	Noroeste
4	71	Floresta	Leste
5	69	São Luís	Pampulha
6	66	Céu Azul	Venda Nova
7	65	Savassi	Centro-Sul
8	62	Mantiqueira	Venda Nova
9	60	Serra	Centro-Sul
10	59	Lagoinha	Noroeste
11	57	Padre Eustáquio	Noroeste
12	56	União	Nordeste
13	55	Funcionários	Centro-Sul
14	54	Colégio Botista	Leste
15	52	Santa Amélia	Pampulha
16	50	Cachoerinha	Nordeste
17	50	Lourdes	Centro-Sul
18	49	Caieiras	Noroeste
19	48	Jaqueline	Norte
20	48	Piratiniga	Venda Nova



Fonte: PMMG

lazer. A Savassi perdeu muitas lojas para os shoppings com o passar do tempo, mas manteve a boemia. Aumentaram as cervejarias e estabelecimentos nos quarteirões fechados, deixando os caminhos do entorno como áreas de atuação de criminosos, ainda que o policiamento seja intenso", afirma. "O criminoso sabe disso e espera um momento propício, uma vítima mais indefesa em um local escuro e deserto. E isso também acaba se somando à quantidade de turistas e ao movimento nos hotéis", avalia o especialista.

ÁREA QUENTE Uma situação muito diferente da que ocorre no Centro de BH, o campeão de ocorrências de crimes violentos e local onde o especialista começou sua carreira, em 1995, como tenente patrulhando as ruas. "O polígono vermelho entre Praça 7 e rodoviária é a zona de maior concentração urbana de BH, com mais de 1 milhão de pessoas por dia. Hoje, há uma investigação das câmeras com as viaturas e policiais, guardas municipais, todos sabem onde estão e podem agir rápido. Antigamente, era rádio, ocorrência em formulário de papel. A tecnologia e os investimentos melhoraram demais as condições de segurança", avalia.

O coronel afirma ainda que as condições atuais, que possibilitam integração e antecipação dos movimentos dos criminosos, também se refletem em muitas ocorrências, uma vez que nos bairros, vilas e favelas pode ocorrer subnotificação. "Temos de imaginar o que se encontra de crime no Centro e como antecipar. Quem vai roubar a loja, o restaurante, o cinema, na rodoviária, onde estão os receptadores, onde eles guardam mercadorias, os contrabandistas que abastecem parte do comércio popular, o tráfico na zona de prostituição, a vaporização (dissiminação em pequenas quantidades) do tráfico, os jogos de azar... Considere também que ao cair da noite tudo muda. O Centro toma um formato mais boêmio, mais dos prostíbulos, dos botecos. Mudam os crimes e as formas de antevê-los com os mesmos recursos", afirma Júnior.

União para planejar segurança na Savassi

Ações de segurança na Savassi têm sido discutidas entre forças de segurança e sociedade civil, com o mais recente encontro ocorrido em agosto, o que resultou em ações conjuntas das instituições para conscientização de lojistas e consumidores quanto à segurança nos estabelecimentos e ruas, fortalecimento da Rede de

Comerciantes Protegidos e a ampliação de projetos que potencializam a sensação de segurança. Entre os presentes estavam o comandante do Policiamento da Capital, coronel Micael Henrique Silva, o comandante da 4ª Companhia do 1º Batalhão, major Saldanha, o comandante do Setor Savassi, tenente-coronel Bruno D'Assunção Coelho, o adjunto da Inspeção da Regional Centro-Sul da Guarda Municipal, Cristiano Gabriel Rosa, e o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte (CDL/BH), Marcelo de Souza e Silva.

A Polícia Militar, por intermédio do Comando de Policiamento da Capital, indica uma série de

procedimentos para prevenir crimes em grandes centros comerciais como o Hipercentro de BH, entre eles evitar carregar grandes quantias de dinheiro e manter seus objetos pessoais, como carteiras, sacolas e bolsas, sempre à frente do seu corpo, evitando deixá-los sobre mesas ou balcões.

Muito visado como moeda rápida no mundo do crime, o telefone celular nunca deve ficar exposto. "Se precisar atender a uma chamada ou acessar as mídias sociais, procure um local que seja mais reservado e protegido", orienta a corporação. A prevenção inclui ter sempre dinheiro em espécie separado para pequenas despesas, medida

que visa não abrir a carteira ou a bolsa na frente de estranhos ou em local cheio. "Evite sacar quantias elevadas. Prefira as transações bancárias eletrônicas oferecidas pelo banco. Dentro de agências bancárias, procure não conversar com pessoas estranhas ao seu convívio", acrescenta a PM de Minas.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 8 e 9